

Universidade de Brasília
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

MARIANGELA FERREIRA ANDRADE

Dubliners, 100.

**Brasília – DF
2015**

Universidade de Brasília
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

Dubliners, 100.

Projeto Final de Curso de Graduação em
Letras-Tradução Inglês apresentada ao
Departamento de Línguas Estrangeiras e
Tradução da Universidade de Brasília –
UnB, como requisito para a obtenção do
grau de bacharel.

Orientador: Mark David Ridd

Brasília, 2015

Enquanto assistíamos a cidade se encobrir com o manto branco,
Junho queimava frio na fogueira de São João.

à Tradução.

Resumo

Este trabalho final de curso apresenta quatro contos da coletânea *Dubliners 100*, traduzidos para o português. A coletânea reúne textos de escritores irlandeses da atualidade propostos como versão dos contos homônimos de James Joyce. O objetivo geral é apresentar as escolhas do tradutor diante dos impasses linguísticos.

Palavras-chave: *Dubliners*, 100. Conto. Tradução. James Joyce.

Abstract

This paper presents the Portuguese translations of four short stories from the collection *Dubliners 100*. This collection brings up short stories written by contemporary Irish authors. For this book they wrote pieces based on the short stories from James Joyce. Mainly this paper presents translator's choices before linguistic deadlock.

Keywords: *Dubliners*, 100. Short stories. Translation. James Joyce.

Sumário

Resumo.....	p. 06
Abstract.....	p. 07
1. Introdução	p.08
2. Teoria. Revisão da Literatura.....	p. 08
2.1. Problemas da Tradução - Mona Baker.....	p. 08
2.2. Métodos ou Soluções.....	p. 11
2.3. A tarefa do tradutor.....	p. 13
3. Relatório.....	p.15
4. Texto Traduzido.....	p.25
5. Considerações Finais.....	p.54
6. Bibliografia.....	p.56
7. Anexo - texto fonte	

1. Introdução

A proposta deste trabalho final de curso de tradução é a tradução de quatro contos da coletânea *Dubliners* 100. Para realizar tal tarefa, impõe-se preliminarmente a revisão da literatura acerca da teoria da tradução estudada durante o curso e que embasará as escolhas na hora da tradução. O trabalho ainda conta com comentários sobre a tradução tanto no sentido amplo, quanto em algumas especificidades que cada um dos contos apresentou.

Nesse contexto, a obra objeto deste trabalho é a coletânea *Dubliners* 100, organizada por Thomas Morris. Na obra, o editor convida escritores irlandeses da atualidade a criar contos a partir da obra de James Joyce, *Dubliners*, por ocasião das comemorações do centenário da obra joyceana. O objetivo geral deste trabalho foi traduzir quatro contos dessa coletânea, como objetivo específico, a partir da ideia do editor de que os escritores fizessem versões¹ do texto de Joyce, pretendeu analisar duas questões. A primeira é qual (ou quais) aspecto(s) do conto de Joyce surge(m) da leitura do texto na versão 100? A segunda é a hipótese do texto 100 ter “atualizado” algum aspecto da linguagem joyceana.

Partindo destes objetivos, este trabalho apresenta duas etapas de trabalho. A primeira é a revisão da literatura sobre teoria da tradução. Nesse ponto, traça um quadro geral sobre métodos e soluções. Na segunda parte, o trabalho apresenta algumas questões e as escolhas do tradutor. Para concluir, revisa as hipóteses da pesquisa e aponta questões que os textos revelam. Para os objetivos deste trabalho foram traduzidos: *Evelyn*, *Araby*, *Clay* e *After the Race*.

2. Teoria - Revisão da Literatura

2.1. Problemas da Tradução - Mona Baker

Pensar criticamente a tarefa do tradutor envolve uma revisão da literatura. Tendo em vista a vastidão de aspectos da tradução que podem ser trazidos para a

¹“to tell the story again, but in your own voice” (Morris, 2014, p. ix)

crítica, concentramos a leitura naqueles problemas que surgiram diante da tradução dos textos objetos deste trabalho.

Apenas como referência, vale citar os problemas comuns na tradução que Mona Baker (1991) discute. No nível da palavra, pode ser que a língua de origem tenha palavras que expressem conceitos totalmente desconhecidos na língua de chegada. O conceito da língua de origem não está lexicalizado na língua de chegada, ou seja, ele é conhecido na língua de chegada, mas não tem uma palavra apropriada. Pode acontecer da palavra da língua de origem ser semanticamente complexa, dessa forma seria traduzido, para a língua de chegada, por uma sentença que explique todo o significado.

As línguas de origem e de chegada fazem diferentes distinções de significado. Dessa forma, pode haver diferentes palavras fazendo distinção do significado de determinada ação. Pode acontecer de faltar um hiperônimo à língua de chegada, caso em que a língua de chegada tem palavras específicas e não tem palavras genéricas. O contrário também pode acontecer de não haver, na língua, hipônimo, caso mais comum, em que há palavras gerais mas não palavras específicas.

A autora fala ainda da existência de línguas que possuem palavras específicas para ações que envolvem perspectivas físicas e interpessoais. Pode acontecer também de cada língua apresentar diferenças na expressão do significado. Neste caso, as palavras são aparentemente a mesma, mas cada língua tem um processo de significação.

As línguas apresentam, ainda, diferenças na forma. Essas diferenças ocorrem quando na língua de chegada não há equivalente, como é o caso dos sufixos do inglês *ish*. Em geral, eles são substituídos por uma paráfrase apropriada. Pode haver diferença de frequência e propósito no uso de formas específicas. Ocorre quando há equivalente de forma nas línguas (origem e chegada), mas não há equivalência no uso dessas formas.

Por fim, no nível da palavra, a autora trata do uso de palavras emprestadas do texto de origem. Os empréstimos podem causar dois problemas de tradução. Primeiro a perda o ar de sofisticação que um empréstimo pode dar ao texto, segundo a armadilha dos falsos cognatos.

Acima do nível da palavra os problemas acontecem quando as palavras passam a combinar umas com as outras. Problemas como colocação, registro, expressões fixas e idiomáticas se impõem a depender do texto. A Colocação pode ser entendida como a tendência de certas palavras a ocorrerem juntas em uma dada língua. Quando duas palavras se colocam, podem ocorrer em diferentes níveis gramaticais ou ainda só em determinado nível. Segundo Mona Baker parece não haver regra fixa para a colocação.

Em se tratando de colocação de palavras é possível medir sua extensão. Extensão significa a quantidade de palavras que combinam com outra palavra determinada. Algumas palavras têm uma amplitude maior de combinações possíveis. Dois fatores podem influenciar a extensão das combinações. Primeiro é a especificidade: quanto mais amplo o significado, maior a possibilidade de combinações. O segundo é o número de significados que a palavra tem. Os padrões de colocações se tornam parte do nosso repertório linguístico e não podemos deixar de vê-los quando os encontramos no texto.

A colocação ou as combinações de palavras podem ser típicas ou atípicas na linguagem diária. Em geral algumas colocações atípicas na linguagem diária são muito comuns em registros específicos. Essas colocações vão muito além do conjunto de termos que normalmente se encontram em dicionários especializados. É preciso conhecer os termos e suas combinações naquele registro específico. Dependendo da combinação de palavras o significado pode variar. Muitas vezes as críticas de tradução giram em torno do não reconhecimento de determinado significado colocacional.

De maneira geral as combinações de palavra são padrões de linguagem flexíveis que permitem variações na forma. Por outro lado os idiomas e expressões fixos estão no extremo oposto da escala de colocações em um ou em ambos os seguintes critérios: flexibilidade e padrão, e transparência e significado. Embora algumas expressões idiomáticas resistam a variação da forma, algumas são mais flexíveis que outras. Os maiores problemas das expressões fixas e idiomáticas para a tradução são relacionados a duas áreas: a habilidade de reconhecer e interpretar corretamente as expressões e a dificuldade de convertê-las para a língua de chegada.

Alguns tipos de expressões são mais facilmente reconhecíveis que outros. Algumas das mais fáceis envolvem a violação da verdade (ou a impossibilidade da coisa acontecer na vida real, a linguagem da metáfora). Também é possível a existência de expressões que violam as regras gramaticais da linguagem. Ambas sugerem que não deve haver leitura literal.

A dificuldade em traduzir uma expressão idiomática envolve o fato de não haver equivalente na língua de chegada ou de haver esse equivalente, mas o contexto de seu uso pode ser completamente diferente. Além disso, há a possibilidade de uma expressão idiomática ser usada na língua de origem tanto em seu sentido literal quanto em seu sentido idiomático, ao mesmo tempo. E ainda, da variação da frequência e do uso de certas expressões nas línguas de origem e de chegada.

Da mesma forma Seyed Mohammad Hosseini Maasoum e Hoda Davtalab (2011) entendem que há muitas palavras para as quais não há equivalente ("Full equivalente" apud Jakobson) Assim, como há palavras e frases que são desconhecidas. No caso de idiomas e expressões fixas da língua, a presença de itens que são específicos de determinada cultura pode não ser conhecido na outra língua e portanto, não compreensível. Os autores consideram a questão do significado como fundamental para a tradução.

Outra questão importante da tradução que Ritva Leppihalme (1992) levanta são as alusões que o texto aponta. Alusões não familiares acabam levando a frases pouco claras ou passagens no texto de chegada que o leitor precisa pular ou acaba empacando. Segundo o autor, um leitor que cresce com um diferente cânone de clássicos pode não reconhecer a alusão que o Texto de origem se refere e acabar dirigindo o entendimento do texto para alusões da sua cultura. O autor dá o exemplo do Coelho Branco, para os leitores finlandeses o coelho branco não remete à Alice no país das maravilhas, cujo coelho é preocupado e ansioso e um tanto ridículo também. Para esses leitores a frase poderia significar qualquer coisa, de inocência à adição de drogas passando pelo nascimento de bebês.

2.2. Métodos ou Soluções

Apresentados alguns problemas de tradução, vale dizer algumas palavras sobre os métodos de traduzir. Segundo Jean Paul Vinay e Jean Darbelnet (2000) no texto "Uma metodologia para tradução" os diferentes métodos de tradução podem ser resumidos a apenas sete tipos e dois grupos: Tradução Direta ou Tradução Oblíqua. A tradução direta ou literal é o procedimento pelo qual é possível transpor a mensagem da língua de partida por elementos da língua de chegada, sejam eles baseados em categorias paralelas (paralelismo estrutural) ou conceitos paralelos (paralelismos metalinguísticos).

Na tradução Oblíqua por causa das estruturas metalinguísticas próprias da língua (de chegada no caso) certos elementos linguísticos não podem ser transpostos sem que haja mutação na ordem sintática ou até mesmo no conteúdo lexical.

Os procedimentos da tradução direta são empréstimo, decalque, tradução literal. O Empréstimo é o mais simples de todos os métodos e consiste na utilização de termos estrangeiros. O empréstimo não será considerado estrangeirismo se o termo for utilizado corriqueiramente na língua de chegada, com ou sem modificação gráfica.

O decalque é um tipo especial de empréstimo. Por meio dele a língua de chegada incorpora uma expressão da língua de partida, traduzindo literalmente cada um de seus elementos. O resultado pode ser um decalque lexical que dá um novo significado à uma estrutura já existente na língua; ou um decalque estrutural (morfológico) onde há a criação de uma nova estrutura estranha à língua. A tradução literal, ou tradução palavra por palavra, implica na transferência gramatical e idiomática, observando o número de palavras, as classes, a ordem sintática e o significado lexical.

A tradução oblíqua tem por procedimentos: transposição, modulação, equivalência e adaptação. A transposição é o método pelo qual substituímos uma classe de palavra por outra sem alterarmos o significado da mensagem. A transposição pode ser obrigatória ou facultativa, a depender da estrutura da língua de chegada. Os autores não falam, mas a transposição também ocorre quando: a) duas palavras se transformam em uma só; b) quando há expansão para várias unidades e c) quando a ordem é alterada.

A modulação é uma variação na forma da mensagem. Em geral, essa mudança se justifica porque uma tradução literal ou até mesmo uma transposição resulta numa ocorrência agramatical ou não idiomática. Assim como na transposição, há casos em que a modulação é opcional e casos em que é obrigatória. Já a equivalência ocorre quando o sentido do original é atingido no texto de chegada. Os equivalentes mais comuns são os provérbios.

A Adaptação é o sétimo método que Vinay Darbelnet descreve como um tipo especial de equivalente, um equivalente situacional. Ocorre quando a situação da língua de partida não é conhecida na língua de chegada, optando, em função do sentido, por um equivalente situacional.

2.3. A tarefa do tradutor

Como entende Benjamin, à tradução cabe uma função angelical de mensageira, pois a tradução nos dizeres de Haroldo de Campos “anuncia para a língua do original, a miragem mallarmaica da língua pura; ela é mesmo para o original, a única possibilidade de entrevista dessa língua pura – lugar semiótico de convergência da intencionalidade de todas as línguas” (Campos, 1981, p. 179). Haroldo nesse texto citado, “Transluciferação Mefistofáustica”, lembra o ensinamento de Benjamim quando inverte a relação de servitude que afetaria concepções ingênuas da tradução como “tributo da fidelidade”, concepção que reserva à tradução o lugar da servilidade, da transmissão do conteúdo do original.

Na perspectiva de uma língua pura benjaminiana, essa relação é invertida. O original é que serve à tradução no momento em que “a desonera da tarefa de transportar o conteúdo inessencial da mensagem e permite-lhe dedicar-se a uma outra empresa de fidelidade, esta subversiva do pacto rasamente conteudístico: a fidelidade à reprodução da forma” (Campos, 1981, p.179). Haroldo propõe levar a tese benjaminiana de uma tradução angelical ao extremo, numa hipótese em que não há servidão da tradução, uma operação radical de transcrição chamando-a de tradução luciferina. Cito Haroldo:

traduzir a forma, ou seja o “modo de intencionalidade de uma obra – uma forma significante, portanto, intracódigo semiótico – quer dizer, em termos operacionais, de uma pragmática do traduzir, re-correr o percurso configurador da função poética, reconhecendo-o no texto de partida e reinscrevendo-o enquanto dispositivo de engendramento textual, na língua

do tradutor, para chegar ao poema transcrito como re-projeto isomórfico do poema originário.(Campos, 1981, p. 181)

As traduções comuns, destituídas de um projeto radical, se comportam de duas formas, em geral. Podem ser elas traduções mediadoras que visam a útil tarefa de auxiliar a leitura do original, “como um dicionário portátil” e traduções medianas que de alguma maneira tentam intermediar a compreensão do texto “guardando da aspiração estética apenas as marcas externas de um dado esforço da versificação e de um deliberado empenho rítmico. (Campos, 1981, p. 181)”

Para Haroldo uma intervenção estética moderada, juntamente com uma identificação simplista das complexidades textuais (métrica e rima) levam ao “obscurecimento da intrincada teia de som e sentido que percorre o texto como um todo, qual disseminado jogo paronomástico, só acessível à leitura partitural própria da tradução radicalmente criativa” (1981, p.182). Haroldo fala ainda que às vezes é necessário recorrer a locuções que são próximas do impacto vivo da gíria, recapturando assim, a força do original.

Nesse linha Haroldiana de pensar a tradução, o texto que se apresenta aqui optou por guardar consonância com a cultura de origem, buscando manter a forma de falar próxima àquela da coloquialidade do falante brasileiro. Não há radicalidade, no sentido de transmutação do texto para a cultura de chegada, mas algumas ordens sintáticas foram adequadas à melhor fluidez do texto.

3. Relatório

Os textos escolhidos para tradução possuem uma linguagem prioritariamente informal. Há um uso extensivo de gírias, linguagem de internet, além de especificidades típicas do local onde os contos se passam, Dublin. Optou-se por manter o estrangeirismo, inclusive mantendo palavras estrangeiras que já estão inseridas no português brasileiro. Na tentativa de manter a oralidade e a informalidade do texto também se optou, muitas vezes, por termos mais simples e que transportassem o leitor para a atmosfera dublinesca num tom informal. Mantendo o paralelo joyceano, os autores de *Dubliners 100* se comprometeram com o tom informal, jocoso, simples, às vezes dramático, de se endereçar a questões importantes para a sociedade. A tradução tentou seguir a mesma linha. Evitou-se, sempre que possível, explicar termos estranhos culturalmente para o leitor brasileiro. Partiu-se do princípio que o leitor sabe estar diante de uma tradução e, portanto, exposto a uma cultura diferente.

Antes de adentrarmos nos pormenores tradutórios de cada um dos contos, vale lembrar que havia uma expectativa em relação ao lastro dos textos da coletânea *Dubliners, 100* com a obra joyceana. Inicialmente, cogitou-se a possibilidade dos textos de 2014 manterem na linguagem, uma tentativa de “copiar” a forma da escrita joyceana, atualizando algumas questões para inseri-las dentro dos conflitos da modernidade. Da tradução dos contos de 2014 pode-se perceber que os autores mantiveram o tom informal, como dito anteriormente. No entanto, um dos contos inicialmente escolhido, *Os Mortos*, apresentou uma dificuldade para o tradutor que revelou uma “atualização” interessante.

Os Mortos de Peter Murphy tem uma linguagem oral irlandesa, tipicamente falada pelos jovens, o que torna difícil a leitura para o estrangeiro. O mesmo se passa com leitores estrangeiros de Guimarães Rosa, por exemplo. Num outro tipo de inventividade, a especificidade da linguagem requer uma certa habilidade linguística, mesmo em tempos de internet. O uso dessa linguagem coloquial falada aqui é dinâmico o suficiente para que qualquer estrangeiro tenha dificuldades numa primeira leitura, ou antes de ouvir umas dezenas de vídeos no youtube para “modernizar” sua linguagem.

Os Mortos de Joyce não tem exatamente essa característica marcando significativamente o texto. Nele a epifania e a linguagem poética se sobressaem. Isso, no entanto, não quer dizer que o autor da nova coletânea não tenha oferecido uma excelente “versão” do texto. Aliás, vale dizer que sua tradução foi abandonada tendo em vista a quantidade de desafios que extrapolariam esse trabalho. Para ilustrar, um trecho de tentativa da tradução deste conto abandonado:

Os Mortos

Por três dias me escondi nas cavernas da Ilha do Inferno, descansando meus ossos de dia, esperando a noite toda pelo sinal de um barco contrabandista. Verdade seja dita, essa espera era tediosa ao extremo, ao menos minha sorte parecia boa: enquanto o crepúsculo caía no terceiro longo dia, eu espiava um pequenino barco a motor fluindo através do som, suas engrenagens reduzidas a um zumbido. Contrabandistas com certeza. Observava por entre as rochas enquanto eles, os traiçoeiros contrabandistas, colocaram na terra e rolaram seus tambores *petern* em direção a seu covil e nem tão cedo eles sairiam de vista nem eu iria a pé até o barco.

O pequeno motor de popa ainda estava pulsando calor: um puxão na corda e pra cima ela queimou. Nunca eu manuseara tal embarcação na minha vida mas ela não requeria grandes habilidades, ousou dizer que um pimentão poderia operar tal barco. Num instante eu a liguei e rapidamente saímos, os xingamento dos contrabandistas eram engolidos pelo vento, enquanto a ponta do esquife rosa encontrava o prateado das ondas. mantive uma mão firme na barra do leme e naveguei pelas estrelas e rezei que houvesse combustível suficiente pra me levar através do som.

Se pá, uma meia hora se passou antes que eu vislumbrasse a corcova da costa do véi hiberni. Me conduzi para Harberward, ajudado pelo vento e pela maré, quando estava a um cuspe do porto, diminui a aceleração e deixei a corrente nos levar. Daí saltei.

Arábia

O texto introduz ao leitor termos de um esporte não comum no Brasil. O universo do Rugby é bem traçado no conto, além dos conflitos internos do personagem principal.

Unidade Lexical	Significado	Tradução	Página (Original)
number 7 bus	ônibus número sete	ônibus número sete da linha número sete	p.31
custard cremes	tipo de biscoito	biscoito custard cremes biscoito Casino	p.32
pub	bar	pub	p.32
trousers	calça	calças de tergal	p.33
catch	pegar	pegada pegar	p.36

A opção para *number 7 bus*, passou por ônibus da linha número sete, que faz muito sentido, mas não reflete a forma de se referir aos ônibus no Brasil. Falamos ônibus 175 no Rio de Janeiro, 116, 115 em Brasília. É mais informal e mais comum.

Custard Cremes é um biscoito comum na Irlanda e que tem um similar correspondente da marca Cassino no Brasil. É a mesma imagem e o leitor poderia compreender melhor. Porém, como a marca tem vários biscoitos e apenas o *Mention Bien* se parece com o Custard Cremes optei por manter o original acrescentando apenas a palavra biscoito para o leitor compreender de que tipo de comida se trata.

A opção por manter *pub* no original deu-se ao fato do vocábulo já estar introduzido na cultura brasileira como um tipo específico de bar. Para *trousers*, houve a necessidade de explicar que tipo de calça se tratava, tendo em vista o contexto em que se inseria. Traduzir apenas por calça não causaria o estranhamento da descrição das vestes do garoto que usa como uniforme calças sociais com o tênis de corrida. Foi necessário caracterizar a calça para transportar o leitor àquela caracterização específica.

Na hora de traduzir *whose catch I did not turn to see*, traduzir catch pelo substantivo correspondente 'pegada' tornava o texto mais difícil de compreender para o leitor brasileiro. Como, no entanto, o verbo pegar se adequa melhor à ação, optei por quebrar a frase. Ao invés de "para um vulto qualquer cuja pegada nem me virei pra ver", a tradução ficou "para um vulto qualquer pegar... nem me virei pra ver". A inserção da reticência para dar a quebra da frase, justifica-se na tentativa de manter o tom de pouca importância ao agente que pega a bola.

Eveline

O título do conto e nome do personagem principal não foi traduzido para um nome correspondente feminino em português. Como é dito no conto, apesar do personagem ser masculino, o nome é feminino. Assim, como em português a vogal "e" deixa margem para pensar o gênero, optou-se por manter o original (mantendo a correspondência com o nome do escritor Eveline Waugh).

Unidade Lexical	Significado	Tradução	Página (Original)
blank-face	to stare at someone who is obviously wrong, lying, inappropriate, or asking you something you will never answer. The blank stare continues until they realize their mistake and the awkwardness reaches fever pitch.	carudas bicudas	p.41
mweeeeh	mweeh - A Dutch word, which is oftenly used when you haven't got anything to say.	hummmmm	p.43
Light summer dress		vestido fininho	p.43
E-ve-line	nome próprio	E-ve-linha	p.43
flim flam	bullshit a farce, absolute nonsense	Ilhufas	p.44

weasel	from the expression: Wicked Weasel: A type of string bikini where the bottom consists only of a piece of fabric about 1.25 cm (1/2 inch) wide, resulting in the public display of the size and shape of the woman's vulva.	doninha	p.44
--------	--	---------	------

A piada jocosa feita à Eveline com o som arrastado da separação das sílabas se perde em português. Caso em que para manter a brincadeira é preciso alterar o nome, apenas separar as sílabas não contribui e o texto perde sentido no português. Dessa forma, na brincadeira a opção foi de traduzir por E-ve-linha.

A expressão lhufas do português bulhufas significa nada, coisa nenhuma. Tem correspondência de significado que se aproxima do original, além do valor sonoro que está presente em ambos os termos.

A primeira escolha para *weasel*, doninha, mantém o significado da palavra, mas não remete à expressão *wicked weasel*. Chegou-se à expressão pela palavra seguinte no texto: pornografia ("Isso....doninha.... *pornografia!* está tudo arranjado, disse ela..") Em busca no *google* o termo doninha ou *weasel* retorna resultados parecidos, todos relacionados ao animal. Já o termo *wicked weasel* e *biquíni doninha* levam aos resultados que se referem ao biquíni que deixa a vulva à mostra. Cogitou-se a troca de doninha para biquíni doninha. Como no original essa referência não é imediata, surge apenas no contexto da frase, optou-se por manter apenas *doninha*, permitindo que o leitor brasileiro faça as associações decorrentes da relação das palavras no texto.

Depois da Corrida

É o texto menos informal. Introduce uma série de termos do mundo dos negócios e a linguagem não é tão adolescente. O personagem principal é quem dá o tom da linguagem do texto. Ele é jovem, recém formado, sua linguagem tem uma tendência mais formal que nos demais contos.

Unidade Lexical	Significado	Tradução	Página (Original)
ADA	The American Darters Association, Inc. (ADA) was founded in 1991 as the sanctioning body for a nationwide centrally-controlled dart league. The ADA operates two types of nationwide dart leagues. One utilizes a unique handicap system called the NEUTRALIZER® allowing members, regardless of their ability, to compete equally. The second is the traditional “scratch” Open League format.	Associação Americana de Dardos	p.50
michelin-starred	the term normally refers to the Michelin <i>Red Guide</i> , the oldest European hotel and restaurant reference guide, which awards <i>Michelin stars</i> for excellence to a select few establishments.	guia 4rodas guia Michelin	p.51

gut	Gut Renovation Def. 1/14/2008 SIGMA Gut Renovation Definition The "Gut rehab" is a complete and total rehab of a building or house. When doing a gut rehab, everything in the building or house is new with the exception of the actual framed structure itself "Down to the bare walls". New Wiring, electrical services, plumbing, windows, doors, heating and cooling systems, roof replacement must meet or exceed local hurricane code including hurricane straps and clips where applicable.	reforma-total reconstrução total totalmente reformado reforma completa	p.53
hotlist	a personal list of favorite or most frequently accessed websites compiled by an Internet user.	lista dos melhores restaurantes	p.53
scrummed	jostle - aglomeração de gente	abarroado multidão muvucado	p.55
White-clothed tables, by Michael Roche		toalhas de mesa assinadas por Michael Roche	p. 53
IOU	A promise to pay a debt, especially a signed paper stating the specific amount owed and often bearing the letters IOU. I owe you		p.56

Gut renovation é termo que se usa quando há renovação total de uma edificação, com exceção de sua estrutura, todo o restante é renovado para que a habitação possa suportar a passagem de um furacão.

A lista dos melhores restaurantes - hot list - acabou traduzida por listas, tendo em vista a fluidez do texto, pelo contexto é claro que se trata da lista dos

melhores restaurantes e não há um termo de impacto como hot list correspondente no português.

Para *scrummed*, no sentido de um aglomeração de pessoas, cogitou-se traduzir por abarrotado, multidão, mas a opção por *muvcado*, dá um tom mais coloquial pro texto que vai na mesma direção de *scrummed*, além do termo ser específico para aglomeração de pessoas.

O termo ADA na frase "during his stint as an ADA" foi mantido no original, lhe seria atribuído uma nota de rodapé explicativa. No entanto, a pesquisa na internet sugeriu uma diversidade de associações norte-americanas com a sigla. Desde associações médicas a uma lei para proteção de pessoas com deficiência. Como não pude decidir, deixe tal qual no original. Essa pode ser uma impossibilidade por desconhecimento de determinado aspecto cultural da língua de origem. A opção que pareceu mais acertada diante do contexto foi assinalada no quadro acima.

Quanto ao termo *White-clothed tables, by Michael Roche* optou-se por inserir o termo "assinadas por" para retirar ambiguidade de deixar o termo apenas com a preposição "de" que indica ao mesmo tempo referência e propriedade.

Barro

Clay poderia ser traduzido por Argila, Barro, Lama, Terra. As traduções existentes do conto de Joyce com o mesmo nome, optam por Barro e Terra. Nesta tradução, do texto 100, optou-se por Barro. Ambas acepções remetem para um mesmo terreno com gradações diferentes de água. No caso, a decisão por Barro se deu perto do fim do texto, quando Conor repara em seu sapatos e verifica que há barro nos sulcos da sola do sapato. Houvesse Lama ela teria se espalhado, respingado no calçado e na casa toda, houvesse apenas terra dificilmente pareceria cocô como as meninas dizem.

Unidade Lexical	Significado	Tradução	Página (Original)
-----------------	-------------	----------	-------------------

jilted	to deceive or drop (a lover) suddenly or callously. <i>n.</i> One who discards a lover.	abandonar rejeitar largar dar o fora	p.122
to be bothered one own bollocks	não se importar.	ele não dava a mínima	p.123
what he got a buzz out of	informal to go away	enquanto se mandava ao que ele se picou	p.123
aul one	a term used to describe someone's mother na Irlanda, urban dictionary, aul - old	Senhora Irlandesa	p.124
CCTV	circuito interno de TV	câmera de segurança	p.124
Fuss	make or become blurred or indistinct.	"Ele não perderia o foco"	p.125
work me		me usa	p.127
dirty game		jogo sujo jogatina suja	p.128
all your money		todo seu dinheiro toda sua grana	p.128
something new	algo/coisa nova	loja nova	p.124

No texto, a opção que se encaixa melhor para traduzir *Jilted* é dar o fora. Não no sentido de dar o fora em alguém, mas de dar no pé, sair, ir embora. Apesar da expressão ser a mesma, e o uso similar, nos dicionários pesquisados somente foi encontrada a acepção de rejeitar amorosamente. Todas as traduções do quadro acima, à exceção de *aul one*, foram opções pelas maneiras mais coloquiais, informais de se dizer. No caso das três últimas palavras: *work me*, *dirty game*, *all your money*, as escolhas consideraram ainda a rima da música.

Aul one é um termo usado para descrever a mãe de alguém, na Irlanda, segundo o urban dictionary. Como usar "uma típica mãe irlandesa" não faria sentido com o restante do parágrafo quando o autor brinca com a idade apropriada para

tanto, optei por Senhora Irlandesa, pois ainda mantém o lastro com a caracterização de mãe e, por vezes, as pessoas tem dificuldade em definir uma mulher como senhora, pensando na idade.

Something new foi traduzido por loja nova para resolver o problema do termo *IKEA* na linha acima. Com a inserção da loja, fica definido para o leitor brasileiro do que se trata *IKEA*. Cogitou-se a possibilidade de transpor o termo para um que fosse mais conhecido do leitor brasileiro como a franquia de loja *IDEA*. No entanto, como a opção do texto tem sido por manter os rastros com a cultura de origem, permaneceu o original.

O termo *D'y hear me?* apresenta muitas possibilidades tradutórias. Por ser uma grafia bem informal e estar na fala de um adolescente, precisava transmitir essas mesmas características. Por isso "me ouviu" foi descartado. As possibilidades, no entanto, acabaram circundando regionalidades como *visse*, *viu só*, *tá ligado*, *sacou*. Todas, nesse contexto, podem significar a mesma coisa. No entanto, a opção que prevaleceu foi *tá ligado?*, apenas por uma tentativa de aproximação mais abrangente (no sentido da regionalidade)

5. Considerações Finais

Durante a realização deste trabalho diversas questões surgiram. A tradução se colocou como arte da possibilidade. Mesmo quando as escolhas se impunham no nível do significado, surgiram diversas oportunidades de arranjos linguísticos. A partir dessa constatação advinda da práxis, ainda que puramente laboratorial, questionamos se há na tradução um fim específico e prático. Tá certo que a tradução tem esse condão da praticidade quando se trata de textos técnicos, científicos ou de outra ciência qualquer. Mas quando se trata de transpor objetos de arte, pode-se privilegiar o significado?

Até que ponto podemos transluciferar uma língua tendo por mote a poética de seu texto? Há a possibilidade de um manual apenas responder as dúvidas diante dos impasses? Ao texto, importa mais o leitor ou a fidelidade a seu autor? E o tradutor, intérprete, se coloca ou se esconde no texto? Explica ou deixa rastros? Comunica ou transcende? Essas e muitas questões, na verdade, permeiam a vivência do estudioso da tradução desde que se aventura no primeiro texto. E elas apenas aumentam. Não houve um momento em que as respostas fossem dadas “preto no branco”. Na verdade, não penso numa cor só que pudesse significar as matizes das possibilidades de resposta.

Talvez seja interessante mesmo pensar em matizes. As dúvidas vinham para possibilitar matizes de preto e branco (e outras tantas cores também) para guiar as escolhas dos termos e expressões. A tradução da literatura se mostrou o lugar para ensaiar sobre as possibilidades que o texto abre. É claro que uns textos, pela linguagem que escolhem imprimir, trazem mais ou menos dessa abertura. Mas ela está lá e depende de uma série de escolhas.

Nesse trabalho buscou-se preservar a estrangeiridade dos textos, mas houveram momentos em que pensar a possibilidade de domesticar nomes, lugares, espaços, costumes, mostrou o surgimento de um outro texto. Não se fez nada de tamanha ousadia aqui, mas a possibilidade de deslocar completamente aquela

ficção, impulsiona ainda mais o pensamento sobre a abertura do texto literário. Vale dizer diretamente: traduzir um texto literário sob o aspecto da escrita poética é possibilitar que um texto ressoe de tantas formas quanto as possibilidades que cada intérprete pode apresentar.

O texto de Joyce é um desses exemplares de que pensamos. Um texto cujas possibilidades tradutórias se colocam frente a sua abertura. Da tradução de um texto joyceano pode-se obter inúmeros outros textos que não necessariamente guardaram semelhança, em termos textuais, entre si. Isto é facilmente visto nas traduções brasileiras de *Ulysses*, por exemplo, em que cada tradutor apresentou um texto diferente. Cada um desses intérpretes apresenta uma versão do texto de Joyce. Dessa forma, passamos a conhecer o texto por seu tradutor. *Ulysses* de Houaiss, Bernadina ou Galindo.

Se a possibilidade de apresentarmos resultados diferentes a depender do intérprete já existe na tradução de uma língua à outra, o que acontece quando fazemos uma tradução intralingual? A tradução do texto dentro da mesma língua, a que o editor da coletânea de 2014 chamou de versão, ressaltou ou tangenciou aspectos do original que não necessariamente se encontrariam em outras versões do mesmo texto. Nesse trabalho apresentou-se a tradução de um texto cuja proposta de escrita foi de tradução intralingual ou de versão, como chamou o editor da Coletânea (Morris, 2014). Será que agora podemos dizer *Os Mortos* de Joyce e *Os Mortos* de Peter Murphy?

Tudo bem, a pergunta sugere uma proposição muito ousada, até pela magnitude do já considerado maior conto de todos os tempos. Para o conto de Peter Murphy chegar a esse lugar, teria ainda que causar aquele mesmo impacto. Como essa análise não foi proposta neste trabalho, trago à luz apenas para exemplificar a abertura de pensamento que a tradução, arte da possibilidade, possibilita.

6. Bibliografia

BAKER, Mona. In other words – a coursebook on translation. Routledge: New York, 1991.

CAMPOS, Haroldo. *Transcrição*. Org. Marcelo Tápia; Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DERRIDA, Jacques. *O que é uma Tradução Relevante* _____. O que é uma tradução relevante. *Alfa*, São Paulo, 44(n.esp): 13-44. 2000

ECO, Humberto. *Obra Aberta* _____. *Obra Aberta*: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LEPPIHALME, Ritva. Acquisition of Language - Acquisition of Culture. *AfinLA Yearbook* 1992. Publications de l'association finlandaise de linguistique appliquée 50, pp. 183-191.

MAASOUM, Seyed Mohammad Hosseini. DAVTALAB, Hoda. Theory and Practice in Language Studies, Vol. 1, No. 12, pp. 1767-1779, December 2011

MORRIS, Thomas. *Dubliners 100*. Dublin, Tremp Press, 2014.

VINAY Jean-Paul, Darbelnet, JEAN A *Methodology for Translation* in VENUTI, Lawrence. The Translation Studies Reader. Routledge: Nova Iorque, 2000

<http://www.sigmaprograms.com/wp-content/uploads/2012/12/Gut-Renovation-Definition.pdf>

<http://www.adadartars.com/membership.html>

www.urbandictionary.com

[www. Dicionarioinformal.com](http://www.Dicionarioinformal.com)

www.sensagent.com

www.onelock.com